



# Prefácio


## Artivismo Digital como Insurgência Poética e Política na Era da Datificação


Digital Artivism as Poetic and Political Insurgency in the Age of Datafication


Pedro Alves da Veiga  
[pedro.veiga@uab.pt](mailto:pedro.veiga@uab.pt)  
CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Universidade Aberta  
Lisboa, Portugal  
 <https://orcid.org/0000-0001-9738-3869>

Isabel Cristina Gonçalves de Carvalho  
[isabel.carvalho@uab.pt](mailto:isabel.carvalho@uab.pt)  
CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Universidade Aberta  
Lisboa, Portugal  
 <https://orcid.org/0000-0002-0499-7464>

Marc Garrett  
[marc.garrett@furtherfield.org](mailto:marc.garrett@furtherfield.org)  
Furtherfield  
London, United Kingdom  
 <https://orcid.org/0009-0004-6847-9203>

Susana Costa  
[srsilva@ualg.pt](mailto:srsilva@ualg.pt)  
CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Universidade do Algarve  
Faro, Portugal  
 <https://orcid.org/0000-0001-6117-5988>

Ana Filipa Martins  
[fcerolm@ualg.pt](mailto:fcerolm@ualg.pt)  
CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Universidade do Algarve  
Faro, Portugal  
 <https://orcid.org/0000-0002-9732-5797>

Patrícia Dourado  
[apdourado@ualg.pt](mailto:apdourado@ualg.pt)  
CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, Universidade do Algarve  
Faro, Portugal  
 <https://orcid.org/0000-0003-0418-7071>

Vivemos numa era marcada pela saturação digital, pela conectividade ubíqua e pela crescente centralidade de sistemas algorítmicos na organização da vida social. O *dataísmo*, a concentração infraestrutural do poder tecnológico e a consolidação do capitalismo de plataforma configuram um cenário em que a mediação técnica deixou de ser mero suporte para se tornar ambiente constitutivo da experiência contemporânea, uma condição cultural estruturante. Se, num momento inaugural da cultura digital, celebrámos a *aldeia global*, enquanto espaço horizontal de participação cívica e colaborativa, o presente aproxima-se mais de um *condomínio fechado*, com espaços de exclusão,

governado por algoritmos proprietários, arquiteturas opacas de vigilância e modelos económicos assentes na extração massiva de dados.

Neste contexto, o **Artivismo Digital** posiciona-se como insurgência poética, artística e política. Não apenas como arte com conteúdo crítico, nem como ativismo que utiliza meios digitais, mas como prática direcionada que opera na intersecção entre criação estética, intervenção política e cultura técnica, operando no interior das próprias infraestruturas que problematiza. Ele articula criação artística, ação política e cultura técnica, disputando regras de visibilidade, reorganizando sensibilidades e interrogando as

narrativas dominantes que estruturam o imaginário contemporâneo.

A chamada para este número especial da **ROTURA – Revista de Comunicação, Cultura e Artes** sublinhava a necessidade de examinar genealogias, enquadramentos teóricos, metodologias participativas e o potencial transformador do ativismo digital. O diagnóstico era claro: é necessário compreender como as práticas criativas digitais podem intervir num contexto marcado por economias da atenção, ubiquidade, vigilância algorítmica e polarização informacional. Os ecossistemas de arte digital podem ser simultaneamente estimulantes e limitativos: oferecem possibilidades expressivas, mas também impõem condicionamentos infraestruturais (Veiga, 2020). O ativismo digital não responde com exterioridade romântica, mas com infiltração crítica. Ele não se coloca fora do sistema técnico; opera a partir de dentro, explorando as suas fraturas e fissuras e expondo as suas contradições.

Como pode, então, a arte agir politicamente quando o espaço público é mediado por plataformas privadas, reguladas por algoritmos cuja lógica permanece, em larga medida, inacessível ao escrutínio democrático? O ativismo digital inscreve-se numa genealogia que cruza cultura *remix*, *tactical media*, *net art*, *hacktivismo* e práticas pós-Internet. A apropriação, a paródia, a recontextualização e a perturbação configuram estratégias centrais deste campo, não como meros recursos formais, mas como técnicas de dissenso. Ao intervir em códigos visuais e linguagens mediáticas amplamente reconhecíveis, o ativismo digital explora a potência crítica da circulação.

Esta tensão estrutural está presente nos contributos aqui reunidos, que respondem a esse desafio a partir de múltiplas perspetivas —teóricas, empíricas, metodológicas e artísticas— compondo um campo plural que atravessa memes, *hacking*, videojogos independentes, performance digital, realidade aumentada, cinema interativo e narrativas visuais da migração.

O artigo ***Entre humor e desinformação: análise dos lados A e B dos memes na era digi-***

***tal*** oferece uma entrada crucial para compreender a ambivalência constitutiva dos memes enquanto forma comunicacional. Ao distinguir entre o *Lado A*, associado à criatividade e à facilitação do acesso a temas complexos, e o *Lado B*, ligado à descontextualização e à amplificação de distorções, o estudo demonstra que os memes operam num ecossistema sociotécnico marcado por algoritmos de visibilidade. Categorias como *deserialização de contexto* e *responsabilização difusa* evidenciam que a eficácia comunicacional do meme depende não apenas da intenção autoral, mas das condições de circulação e receção. O que se torna viral nem sempre corresponde ao que é mais rigoroso, mas frequentemente ao que é mais emocionalmente mobilizador. Neste sentido, o ativismo digital enfrenta um paradoxo: utiliza plataformas orientadas para a maximização da atenção e, simultaneamente, procura fomentar reflexão crítica. A ironia, frequentemente mobilizada como estratégia, pode abrir espaços de questionamento; todavia, pode também ser capturada por lógicas de simplificação. O desafio reside, assim, em cultivar literacias críticas capazes de distinguir entre irreverência criativa e manipulação algorítmica. Esta leitura está em diálogo com a proposta de *ativismo pós-fake* de Veiga (2023), segundo a qual a intervenção artística na era da pós-verdade deve incidir não apenas sobre os conteúdos, mas também sobre os circuitos de circulação que moldam crenças e reflexividades.

A genealogia do ativismo digital não pode ser compreendida sem referência ao *hacktivismo* e às práticas mediáticas táticas. Garrett (2012) destaca que a interseção entre arte e *hacking* representa uma tentativa de reprogramar convenções culturais e expor estruturas invisibilizadas. Esta herança é visível na crítica infraestrutural particularmente relevante no artigo ***Logs and Hacks: Amazon, Surveillance, and Hacking as Epistemic Practice***. A partir da análise de obras como *Ring™ Log* e *Dear Jeff Bezos*, demonstra-se que o *hacking* pode funcionar como prática epistémica, revelando as lógicas de extração de dados subjacentes ao

quotidiano digital. Ao reencenar os mecanismos de vigilância, estas intervenções tornam visível a transformação da vida ordinária em registos exportáveis. A prática artística não se limita a denunciar; ela simula, exagera e expõe os processos de captura de dados, produzindo conhecimento crítico. Num contexto em que as grandes empresas tecnológicas moldam infraestruturas essenciais à comunicação, ao comércio e à produção cultural, o artivismo digital emerge como dispositivo de escrutínio. A arte assume uma função de cartografia crítica das redes de poder. A ironia, aqui, é metodológica: ao levar ao extremo a lógica da vigilância, as obras revelam o seu absurdo estrutural. A crítica torna-se mais eficaz quando torna visível aquilo que se apresenta como natural e inevitável. Este diálogo articula-se com a reflexão de Catlow e Garrett (2019) sobre sistemas proprietários, em que desbloquear protocolos e questionar os regimes de acesso constitui um gesto político central numa cultura moldada por plataformas fechadas. Veiga (2020) acrescenta que qualquer intervenção eficaz deve reconhecer as relações sistémicas entre artistas, instituições, plataformas e públicos. A crítica simbólica, se estiver isolada da análise das condições materiais de circulação, corre o risco de ser absorvida pelo mesmo sistema que pretende questionar.

Se a crítica infraestrutural revela a materialidade invisível do poder digital, a dimensão territorial expõe a sua inscrição espacial e social. No estudo *Multiliteracia na prática e fruição compartilhada em arte e média digital*, a noção de *Literacias Multidimensionais Compartilhadas* articula práticas artísticas com processos educativos e contextos culturais latino-americanos, demonstrando como a produção estética pode desencadear reflexões críticas situadas. A proposta evidencia a necessidade de ultrapassar modelos hierárquicos de transmissão de conhecimento, promovendo abordagens participativas e decoloniais. A arte digital torna-se instrumento de reflexão situada e de partilha coletiva. Esta perspetiva encontra eco na investigação de Carvalho (2025), que

demonstra como a arte digital em rede utiliza as plataformas para criar espaços seguros para vozes marginalizadas, numa prática estética e política. A cidade torna-se, assim, uma interface expandida, onde camadas digitais reconfiguram perceções e fluxos. Carvalho e Viegas (2023) aprofundam esta dimensão híbrida do urbano ao analisarem redes artivistas que produzem contra-narrativas territoriais. O direito à cidade é também exercido na disputa simbólica do espaço. A digitalização não elimina o território, antes o reinscreve. O artivismo digital responde com contra-cartografias e narrativas alternativas que desafiam as interpretações dominantes, dando visibilidade ao que estava escondido, esquecido ou segregado.

Esta relação entre visibilidade e resistência constitui um dos eixos centrais do debate contemporâneo. Em *Reflexões poéticas sobre resistência digital na obra artística do Ciberpajé*, discute-se a crítica de Byung-Chul Han à sociedade da transparência e a possibilidade de o ativismo digital se converter numa performance de exposição permanente. A análise da obra do Ciberpajé revela um posicionamento complexo: a utilização das lógicas de visibilidade para introduzir negatividade, silêncio e distanciamento crítico. A visibilidade, longe de ser um valor absoluto, torna-se objeto de problematização. Se a cultura digital promove a exposição contínua como forma de reconhecimento, o artivismo pode reinscrever a opacidade como gesto político. A sociedade do espetáculo, tal como conceptualizada no século XX, adquire hoje novas camadas, mediadas por fluxos algorítmicos incessantes. A visibilidade tornou-se moeda simbólica; a atenção, recurso escasso. Neste cenário, a resistência não se faz necessariamente pela retirada, mas pela reconfiguração crítica dos dispositivos de exposição. O artivismo digital, ao explorar estéticas de interrupção e dissonância, procura deslocar o olhar, introduzindo hesitação onde se esperava consumo imediato. A crítica não se faz apenas pelo conteúdo, mas pela reorganização da experiência sensível.

Também a relação entre visibilidade e poder assume uma forma particularmente incisiva em *A vulnerabilidade do poder: arte política e narrativas visuais da migração na obra de Abdalla Al Omari*. A série *The Vulnerable*, ao retratar líderes globais como refugiados, opera uma inversão iconográfica que reinscreve a vulnerabilidade como categoria política transversal. A circulação digital destas imagens cria contra-arquivos que desafiam os imaginários estabelecidos, amplia a sua potência crítica, produzindo dissenso para além do circuito institucional. A vulnerabilidade deixa de ser entendida como atributo exclusivo das margens e passa a ser reconhecida como condição relacional partilhada. Este gesto artístico convida à reconsideração das narrativas dominantes sobre migração, deslocamento e poder. Já a reflexão de Carvalho (2025) sobre o ativismo digital feminista e urbano reforçava esta leitura, ao evidenciar como as plataformas podem, simultaneamente, dar foco à marginalização enquanto reproduzem as exclusões algorítmicas. A vulnerabilidade não é homogénea, sendo mediada pelo género, pela classe e pela geografia. O ativismo digital, neste caso, atua na reconfiguração do imaginário coletivo, propondo uma redistribuição simbólica da fragilidade e da responsabilidade.

A dimensão pedagógica do ativismo digital é outro eixo estruturante desta edição. *Artivismo digital y formación docente* demonstra, com base em investigação empírica, como o desempenho digital pode reforçar as competências críticas na formação inicial de professores. A integração de práticas artivistas no contexto formativo revela-se eficaz na promoção de participação cultural e reflexão ética e estética. Esta abordagem está em sintonia com a análise de Veiga (2020), que descreve a cultura digital como estando trespassada pelas economias da atenção e da experiência. Educar para o ativismo implica desnaturalizar métricas e compreender que a visibilidade é um recurso disputado.

No artigo *Práticas criativas digitais para a consciência crítica: realidade aumentada e cibersegurança no contexto escolar*, a realidade

aumentada é utilizada como ferramenta pedagógica para promover a cibersegurança e a cidadania digital. Ao transformarem os estudantes em produtores de conteúdos críticos, as práticas pedagógicas deslocam-nos da posição de consumidores passivos. O modelo colaborativo DIWO, tal como definido por Catlow e Garrett (2019), oferece um enquadramento conceptual para esta ecologia de cocriação, onde a participação se articula com a responsabilidade coletiva e a tecnologia imersiva é mobilizada para fomentar responsabilidade e consciência crítica, evidenciando que a literacia digital deve incluir a compreensão das infraestruturas técnicas.

A interatividade assume um papel de destaque em *Artivism and Human Rights Visibility Through Ludonarrative and Immersive Mechanics in Indie Video Games*. Os videojogos independentes analisados colocam o jogador perante dilemas éticos complexos, que mobilizam a empatia e a reflexão, dando visibilidade aos Direitos Humanos. A interatividade transforma a experiência estética num campo de responsabilidade, já que a experiência não é meramente contemplativa: ela é participativa, implicando o sujeito na construção de sentido. Em contexto de pós-verdade, a arte deve introduzir interrupções reflexivas e a ludonarrativa demonstra que a imersão pode coexistir com o distanciamento crítico (Veiga, 2023).

Esta tensão entre a agência e a limitação é igualmente explorada em *The Weight of Water 3.0*. A alternância entre camadas narrativas de “poesia” e “pressão” traduz, no corpo do espectador-participante, a cultura do desempenho extremo. A limitação deliberada da agência funciona como metáfora da estrutura social em si, demonstrando que a restrição pode funcionar como recurso crítico. O ativismo digital revela-se, neste caso, um dispositivo de sensibilização que evita moralismos simplistas ao privilegiar a experiência sensível e a reflexão.

Se há um elemento transversal a estas contribuições, esse elemento é a fricção. O ativismo digital não pretende eliminar o algoritmo, mas sim questioná-lo. Longe de promover o abandono da plataforma, opta

por habitá-la enquanto a tensiona criticamente. O artivismo digital opera inevitavelmente em contextos de ambivalência. Ele utiliza as mesmas plataformas que critica e circula nos mesmos ambientes que problematiza. Reconhece, com Veiga (2020), que os ecossistemas digitais impõem limitações, mas também proporcionam oportunidades. Esta condição exige vigilância reflexiva e responsabilidade crítica, implicando o reconhecimento de que a eficácia do artivismo depende da articulação entre intenção, forma e contexto sociotécnico. Está alinhado com Catlow e Garrett (2019) quando afirmam que a crítica deve incidir sobre esses dispositivos e sistemas proprietários, bem como sobre os regimes de acesso. Além disso, articula, com Carvalho (2025), práticas situadas que ligam a tecnologia, o território e a inclusão: a literacia digital deve incluir a capacidade de interpretar os dispositivos técnicos para além das interfaces públicas, de compreender as dinâmicas de circulação e as divisões que ambos podem originar.

O artivismo digital não elimina as plataformas que critica, nem suspende os algoritmos que condicionam a circulação simbólica. Pelo contrário, habita-os. É nessa condição paradoxal —simultaneamente dependente e dissidente— que reside a sua força. Ao revelar as lógicas invisíveis da *datificação*, ao reinscrever o território no digital e ao convocar formas de agência partilhada, estas práticas demonstram que a esfera pública não está encerrada, mas em disputa permanente. A fricção, aqui, não é falha do sistema: é método crítico. Este número especial convida, assim, a compreender o artivismo digital não como reação episódica, mas como exercício contínuo de imaginação política no interior das infraestruturas que moldam o nosso presente.

Na secção **Varia**, Mei-Hsin Chen, em *Investigação Baseada em Arte: Paradigmas, Metodologias e o Desafio da Avaliação, analisa a Pesquisa Baseada em Arte (ABR)*, destacando a integração entre criatividade artística e rigor metodológico, a sua capacidade para gerar conhecimento socialmente relevante e transformador, discutindo também

formas de avaliação adequadas para esta abordagem. Conclui defendendo a ABR como um paradigma independente que amplia os modos de conhecimento nas humanidades.

Álvaro Lema Mosca, em *Anti-heróis no cinema uruguaio*, investiga a presença do anti-herói no cinema uruguaio, analisando quatro filmes de diferentes épocas e observando personagens que erram, cometem delitos ou falham. O estudo evidencia as formas como o anti-herói se manifesta na ficção cinematográfica uruguaia, refletindo a condição pós-heroica.

Em *Now You See Me: Public Service and Portuguese Radio*, os autores Matilde Almeida, Filipe Montargil e Branco Di Fátima analisam a comunicação no Instagram da Antena 3 e da Rádio Comercial em 2023. A partir de uma análise quantitativa de 844 publicações, o estudo compara as estratégias adotadas por estas duas marcas de referência do setor público e privado de rádio em Portugal, avaliando em que medida a natureza institucional influencia a sua presença, crescentemente visual, na rede social.

Em *Um Novo Cinema?*, Hugo Martins analisa como a digitalização global tem transformado o cinema, redefinindo a linguagem cinematográfica e a receção das imagens. O autor destaca inovações estéticas recentes, impulsionadas pela intermedialidade, pela democratização tecnológica e pela reafirmação da criatividade autoral num ecossistema mediático em constante transformação.

Em *Now You See Me: Public Service and Portuguese Radio*, os autores Matilde Almeida, Filipe Montargil e Branco Di Fátima analisam a comunicação no Instagram da Antena 3 e da Rádio Comercial em 2023. A partir de uma análise quantitativa de 844 publicações, o estudo compara as estratégias adotadas por estas duas marcas de referência do setor público e privado de rádio em Portugal, avaliando em que medida a natureza institucional influencia a sua presença, crescentemente visual, na rede social.

\* \* \*

We live in an era characterised by digital saturation, pervasive connectivity and the increasing importance of algorithmic systems in organising social life. Dataism, infrastructural concentrations of technological power and the consolidation of platform capitalism have created a scenario in which technical mediation is not just a support, but a constitutive environment of contemporary experience and a structuring cultural condition. While we once celebrated the global village as a horizontal space for civic and collaborative participation at the dawn of digital culture, the present is closer to a gated community with spaces of exclusion, governed by opaque surveillance architectures, proprietary algorithms, and economic models based on massive data extraction.

In this context, **Digital Activism** positions itself as a form of poetic, artistic and political insurgency. It is not merely art with critical content or activism that uses digital media; rather, it is a targeted practice operating at the intersection of aesthetic creation, political intervention and technical culture. It functions within the very infrastructures it problematises. It brings together artistic creation, political action and technical culture, challenging rules of visibility, reorganising sensibilities and questioning the dominant narratives that shape the contemporary imagination.

This special issue of **ROTURA – Journal of Communication, Culture and Arts** called for submissions that examined the genealogies, theoretical frameworks and participatory methodologies of digital activism, as well as its transformative potential. The conclusion was clear: we need to understand how digital creative practices can influence a context characterised by attention economies, ubiquity, algorithmic surveillance and informational polarisation. Digital art ecosystems can be both stimulating and limiting; they offer expressive possibilities but also impose infrastructural constraints (Veiga, 2020). Digital activism does not respond with romantic exteriority, but with critical infiltration. Rather than placing itself outside the technical system, it

operates from within, exploiting its fractures and fissures and exposing its contradictions.

But how can art act politically when public spaces are mediated by private platforms and regulated by algorithms whose logic is largely inaccessible to democratic scrutiny? Digital activism forms part of a tradition that encompasses remix culture, tactical media, net art, hacktivism and post-Internet practices. Appropriation, parody, recontextualisation, and disruption are central strategies in this field —not merely as formal resources, but as techniques of dissent. By intervening in widely recognised visual codes and media languages, digital activism exploits the critical power of circulation.

This structural tension is evident in the contributions compiled here, which address this issue from various angles —theoretical, empirical, methodological and artistic— creating a diverse landscape encompassing memes, hacking, independent video games, digital performance, augmented reality, interactive cinema and visual narratives of migration.

The article *Entre humor e desinformação: Análise dos lados A e B dos memes na era digital* (*Between humour and misinformation: Analysis of sides A and B of memes in the digital age*) provides crucial insights into the ambivalence inherent in memes as a form of communication. By distinguishing between *Side A*, associated with creativity and facilitating access to complex topics, and *Side B*, linked to decontextualisation and the amplification of distortions, the study demonstrates that memes operate within a socio-technical ecosystem that is characterised by visibility algorithms. Categories such as context deserialisation and diffuse accountability demonstrate that the communicative effectiveness of memes depends not only on the author's intention, but also on the conditions of circulation and reception. What goes viral is not necessarily the most accurate content, but rather but rather the most emotionally mobilising. In this sense, digital activism faces a paradox: it uses platforms geared towards maximising attention, while also seeking to foster critical reflection. Irony, often used as a strategy,

can create spaces for questioning, but it can also be captured by simplification logic. Therefore, the challenge lies in cultivating critical literacies that can distinguish between creative irreverence and algorithmic manipulation. This perspective engages with Veiga's (2023) concept of post-fake activism, which suggests that artistic intervention in the post-truth era should address both content and the circulation channels that influence beliefs and reflexivity.

The genealogy of digital activism cannot be understood without reference to hacktivism and tactical media practices. Garrett (2012) highlights how the intersection of art and hacking is an attempt to reprogram cultural conventions and reveal hidden structures. This heritage is evident in infrastructural critiques, which are particularly relevant in articles such as *Logs and Hacks: Amazon, Surveillance, and Hacking as Epistemic Practice*. Through an analysis of works such as *Ring™ Log* and *Dear Jeff Bezos*, the article demonstrates that hacking can function as an epistemic practice, revealing the logic of data extraction that underlies everyday digital life. By re-enacting surveillance mechanisms, these interventions reveal how ordinary life is transformed into exportable records. Artistic practice is not limited to denunciation; it simulates, exaggerates, and exposes data-capture processes to produce critical knowledge. In a context where large technology companies shape infrastructures that are essential to communication, commerce and cultural production, digital activism emerges as a means of scrutiny. Art takes on the role of a critical cartography of power networks. The irony here is methodological: by taking the logic of surveillance to extremes, the works reveal its structural absurdity. Criticism becomes more effective when it reveals what is presented as natural and inevitable. This dialogue is linked to the reflections of Catlow and Garrett (2019) on proprietary systems, in which unlocking protocols and questioning of access regimes are central political gestures in a culture shaped by closed platforms. Veiga (2020) adds that any effective intervention must recognise the systemic relationships between artists, institutions, platforms,

and audiences. However, if symbolic criticism is isolated from the analysis of the material conditions of circulation, it runs the risk of being absorbed by the very system it seeks to question.

While infrastructural criticism reveals the invisible materiality of digital power, the territorial dimension exposes its spatial and social dimensions. The study "Multiliteracia na prática e fruição compartilhada em arte e mídia digital" (Multiliteracies in practice and shared enjoyment in art and digital media) articulates artistic practices with educational processes and Latin American cultural contexts through the notion of *Shared Multidimensional Literacies*, demonstrating how aesthetic production can trigger situated critical reflections. The study highlights the need to move beyond hierarchical models of knowledge transmission and promote participatory and decolonial approaches. Digital art becomes an instrument of situated reflection and collective sharing. This perspective is echoed in Carvalho's (2025) research, which demonstrates how networked digital art uses platforms to create safe spaces for marginalised voices within aesthetic and political practices. The city thus becomes an expanded interface where digital layers reconfigure perceptions and flows. Carvalho and Viegas (2023) further explore this hybrid dimension of the urban landscape by analysing activist networks that produce territorial counter-narratives. The right to the city is exercised through symbolic disputes over space. Digitisation does not eliminate territory, but reimagines it. Digital activism responds with counter-cartographies and alternative narratives that challenge dominant interpretations and give visibility to that which was hidden, forgotten or segregated.

The relationship between visibility and resistance is a central theme of contemporary debate. In *Reflexões poéticas sobre resistência digital na obra artística do Ciberpajé* (*Poetic Reflections on Digital Resistance in the Artistic Work of Ciberpajé*), Byung-Chul Han's critique of transparency society and the potential for digital activism to become permanent performance art is discussed.

An analysis of Ciberpajé's work reveals a complex stance that uses the logic of visibility to introduce negativity, silence, and critical distance. Rather than being an absolute value, visibility becomes the object of problematisation. While digital culture promotes continuous exposure as a form of recognition, activism can reinscribe opacity as a political gesture. The 20th-century concept of the society of the spectacle today acquires new layers through incessant algorithmic flows. Visibility has become a form of currency and attention has become a scarce resource. In this scenario, resistance is not necessarily achieved through withdrawal, but rather through critically reconfiguring the devices of exposure. By exploring the aesthetics of interruption and dissonance, digital activism seeks to shift the gaze, introducing hesitation where immediate consumption was expected. Criticism is achieved not only through content, but also through the reorganisation of the sensory experience.

The relationship between visibility and power is particularly striking in *A vulnerabilidade do poder: arte política e narrativas visuais da migração na obra de Abdalla Al Omari* (*The Vulnerability of Power: Political Art and Visual Narratives of Migration in the Work of Abdalla Al Omari*). In *The Vulnerable* series, global leaders are portrayed as refugees, creating an iconographic inversion. This reinscribes vulnerability as a cross-cutting political category. The digital circulation of these images creates counter-archives that challenge established narratives, amplifying their critical power and producing dissent beyond the institutional sphere. Vulnerability is no longer understood as an attribute exclusive to marginalised groups, but as a shared relational condition. This artistic gesture invites us to reconsider dominant narratives about migration, displacement and power. Carvalho's (2025) reflections on feminist and urban digital activism reinforce this idea, highlighting how platforms can focus on marginalisation while also reproducing algorithmic exclusions. However, vulnerability is not homogeneous, being mediated by gender, class, and

geography. In this case, digital activism reconfigures the collective imagination by proposing a symbolic redistribution of fragility and responsibility.

The pedagogical dimension of digital activism is another key theme of this edition. *Artivismo digital y formación docente* (*Digital activism and teacher training*) demonstrates, through empirical research, how digital performance can reinforce critical thinking skills in initial teacher training. Integrating activist practices into the training context has been shown to effectively promote cultural participation and ethical and aesthetic reflection. This approach aligns with Veiga's (2020) analysis, which describes digital culture as being permeated by the economies of attention and experience. Educating for activism involves de-naturalising metrics and recognising that visibility is a contested resource.

The article *Práticas criativas digitais para a consciência crítica: realidade aumentada e cibersegurança no contexto escolar* (*Creative digital practices for critical awareness: augmented reality and cybersecurity in the school context*) uses augmented reality as a pedagogical tool to promote cybersecurity and digital citizenship. By transforming students into producers of critical content, pedagogical practices shift them from passive consumers to active contributors. The collaborative DIWO model, as developed by Catlow and Garrett (2019), provides a conceptual framework for this ecology of co-creation. Here, participation is linked to collective responsibility, and immersive technology is used to encourage responsibility and critical awareness. This highlights that digital literacy must include an understanding of technical infrastructures.

Interactivity plays a prominent role in *Artivism and Human Rights Visibility Through Ludonarrative and Immersive Mechanics in Indie Video Games*. The independent video games analysed present players with complex ethical dilemmas that encourage empathy and reflection, raising awareness of human rights issues. Interactivity transforms the aesthetic experience into a field of

responsibility since it is participatory, involving the player in the construction of meaning. In a post-truth context, art must facilitate reflective pauses, and ludonarrative demonstrates that immersion and critical distance can coexist (Veiga, 2023).

This tension between agency and limitation is also explored in *The Weight of Water 3.0*. The alternation of narrative layers of poetry and pressure translates the culture of extreme performance into viewer-participant's body. The deliberate limitation of agency serves as a metaphor for the social structure itself, showing that restriction can be a valuable tool for critical thinking. In this case, digital activism serves as a device for raising awareness, avoiding simplistic moralising by prioritising sensitive experience and reflection.

If there is one element that unites these contributions, it is friction. Rather than seeking to eliminate the algorithm, digital activism questions it. Rather than promoting the abandonment of the platform, it inhabits it while critically challenging it. Digital activism inevitably operates in contexts of ambivalence. It uses the same platforms that it criticises and circulates in the same environments that it problematises. It recognises with Veiga (2020) that, while digital ecosystems impose limitations, they also provide opportunities. This requires reflective vigilance and critical responsibility, recognising that the effectiveness of activism depends on the interplay of intention, form and socio-technical context. It aligns with Catlow and Garrett (2019), who state that criticism should focus on these proprietary devices and systems, as well as access regimes. Furthermore, it agrees with Carvalho (2025) that situated practices must link technology, territory, and inclusion. Digital literacy must include the ability to interpret technical devices beyond their public interfaces to understand circulation dynamics and the divisions that they can give rise to.

Digital activism neither eliminates the platforms it criticises nor suspends the algorithms that condition symbolic circulation. In fact, it inhabits them. It is in this paradoxical state of being both

dependent on and dissident against these platforms that its strength lies. By revealing the invisible logics of datafication and re-inscribing territory in the digital realm, these practices demonstrate that the public sphere is not closed, but in a state of perpetual contention. This friction is not a failure of the system, but a critical method. This special issue thus invites us to understand digital activism as a continuous exercise of political imagination within the infrastructures that shape our present, rather than as an episodic reaction.

In the *Varia* section, Mei-Hsin Chen, in *Arts-Based Research: Paradigms, Methodologies, and the Challenge of Evaluation, examines Arts-Based Research (ABR)*, highlighting the integration of artistic creativity with methodological rigor, its capacity to generate socially relevant and transformative knowledge, and also discussing appropriate ways to evaluate this approach. The article concludes by advocating ABR as an independent research paradigm that expands ways of knowing within the humanities.

Álvaro Lema Mosca, in *Antiheroes in Uruguayan Cinema*, investigates the presence of the antihero in Uruguayan film, analyzing four movies from different periods and focusing on characters who err, commit crimes, or fail. The study highlights the various ways the antihero appears in Uruguayan cinematic fiction, reflecting the post-heroic condition.

In *Now You See Me: Public Service and Portuguese Radio*, the authors Matilde Almeida, Filipe Montargil and Branco Di Fátima examine the Instagram communication of Antena 3 and Rádio Comercial in 2023. Based on a quantitative analysis of 844 posts, the study compares the strategies adopted by these two leading public and private radio brands in Portugal, assessing the extent to which institutional nature shapes their increasingly visual presence on the platform.

## Referências bibliográficas

- [1] Carvalho, I. C. (2025). Digital media and feminist activism: Reclaiming inclusive urban spaces in the post-digital era. *CIDADES, Comunidades e Territórios*. <https://doi.org/10.15847/cct.38426>
- [2] Carvalho, I. C., & Viegas, S. L. (2023). Digital narratives & urban activist networks: A theoretical-methodological approach. In *Proceedings of the 11th International Conference on Digital and Interactive Arts (ARTECH 2023)*. ACM. <https://doi.org/10.1145/3632776.3632798>
- [3] Catlow, R., & Garrett, M. (2019). DIWO to DAOWO: Rehashing proprietorial dominance of art practice. In Victoria Bradbury and Suzy O'Hara (Eds.), *Art Hack Practice* (pp. 40-51). Routledge.
- [4] Garrett, M. (2012). Revisiting the curious world of art & hacktivism. *Furtherfield*. <https://www.furtherfield.org/revisiting-the-curious-world-of-art-hacktivism/>
- [5] Veiga, P. A. (2023). Post-fake activism: How activism and art can break reflexivity. In E. Ö. Yayalar & M. Sahinol (Eds.), *Science, technology and society for a post-truth age: Comparative dialogues on reflexivity* (pp. 213–240). Vernon Press.
- [6] Veiga, P. A. (2020). *O museu de tudo em qualquer parte – arte e cultura digital: inter-ferir e curar*. Grácio Editora. <http://hdl.handle.net/10400.2/11265>

## Bio

**Pedro Alves da Veiga** é atualmente Professor e Subdiretor do Doutorado em Média-Arte Digital da Universidade Aberta, em Portugal. A sua investigação situa-se nas fronteiras entre os campos da arte, ciência, tecnologia e sociedade, centrando-se no impacto das economias da atenção e da experiência nos ecossistemas da média-arte digital, na curadoria digital e nas metodologias de investigação baseadas em prática artística. Enquanto artista, Veiga explora a arte generativa, sistemas interativos, programação criativa, assemblage e audiovisuais digitais.

**Pedro Alves da Veiga** is currently a Professor and the Sub-Director of the PhD program in Digital Media Art at Aberta University in Portugal. His research bridges the fields of art, science, techno-

logy, and society, focusing on the impact of attention and experience economies on new media art ecosystems, new media curatorship, and arts-based and practice-based research methodologies. As an activist, Veiga explores generative art, interactive systems, creative programming, assemblage, and digital audiovisuals.

**Isabel Carvalho** é artista e investigadora, com formação em Arquitetura e doutorada em Média-Arte Digital (2016), com foco em media-locativos e fluxos urbanos. Foi investigadora de pós-doutoramento em Animação Computacional na Universidade de Bournemouth (2018-2019). Atualmente, é investigadora no CIAC, Universidade Aberta, onde estuda processos de mapeamento comunitário e colaborativo, e a relação entre pessoas, espaços e tecnologia, focando-se nas interações entre o real e o virtual em experiências urbanas híbridas através da média-arte locativa.

**Isabel Carvalho** is an artist and researcher with a background in Architecture and a PhD in Digital Media Art (2016), focusing on locative media and urban flows. She was a postdoctoral researcher in Computer Animation at Bournemouth University (2018–2019). Currently, she is a researcher at CIAC, Aberta University, where she studies community and collaborative mapping processes, and the interaction between people, spaces and technology, focusing on the interplay between real and virtual in hybrid urban experiences through locative media art.

**Marc Garrett** é um artista, escritor, ativista e curador. Co-fundou o coletivo de artes da Internet, Furtherfield, com Ruth Catlow, em 1996. Em conjunto, têm dirigido a respetiva Galeria e Laboratório em Finsbury Park, Londres, desde 2004. Marc foi curador de inúmeras exposições e publicações de média-arte, incluindo *Artists Re: Thinking the Blockchain* (2017) e *Frankenstein*

Reanimated (2022). A sua obra biopolítica *Feral Class* foi publicada no verão de 2025, seguida de *30 Years of Furtherfield* (outono de 2025), co-editada com Regine DeBatty e Martin Zellinger.

**Marc Garrett** is an artist, writer, activist, and curator. He co-founded the Internet arts collective Furtherfield with Ruth Catlow in 1996, and has co-directed its Gallery and Lab in Finsbury Park, London, since 2004. He has co-curated numerous media art exhibitions and publications, including *Artists Re: Thinking the Blockchain* (2017) and *Frankenstein Reanimated* (2022). His biopolitical biography *Feral Class* published in 2025, followed by *30 Years of Furtherfield*, co-edited with Regine DeBatty and Martin Zellinger.

**Susana Costa** é doutorada em Média-Arte Digital (UAlg/UAb) e colaboradora do Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC). É editora da **ROTURA – Revista de Comunicação, Cultura e Artes**, da *Coleção Humanitas*, e colabora como revisora e editora nas *Edições CIAC*. Publicou em diversas revistas com revisão por pares e apresentou trabalhos científicos em conferências nacionais e internacionais. Participa em vários projetos nacionais e internacionais, tendo como principais interesses de investigação a educação, as artes e a tecnologia.

**Susana Costa** holds a PhD in Digital Media Art (UAlg/UAb) and is a research fellow at the CIAC – Research Centre for Arts and Communication. She is editor of **ROTURA – Journal of Communication, Culture, and Arts**, published in the *Humanitas Collection*, and collaborates as reviewer and editor for *CIAC Editions*. She has published in several peer-reviewed journals and presented scientific work at both national and international conferences. Actively participating in a number of national and international projects, her research interests focus on education, the arts, and technology.

**Ana Filipa Martins** é professora adjunta na Escola Superior de Educação e Comunicação da Universidade do Algarve, onde leciona na Licenciatura em Ciências da Comunicação e no Mestrado em Comunicação e Media Digitais. Doutorada em Comunicação e investigadora no CIAC – Centro de Investigação em Artes e Comunicação, participou em vários projetos financiados no campo da produção mediática e da literacia mediática e é autora e coautora de diversas publicações de âmbito nacional e internacional.

**Ana Filipa Martins** is an adjunct professor at the University of Algarve's School of Education and Communication, where she teaches on the BA in Communication Sciences and the MA in Communication and Digital Media. She holds a PhD in Communication and is a researcher at CIAC – Research Centre for Arts and Communication. She has participated in several funded projects in the field of media production and media literacy and is the author and co-author of several national and international publications.

**Patrícia Dourado** é investigadora pós-doutoral no Centro de Investigação em Artes e Comunicação (CIAC), da Universidade do Algarve. É responsável pela *Coleção Processos de Criação* do CIAC (<https://processosdecriacao.ciac.pt>) e membro do Grupo de Investigação sobre Processos de Criação na PUC-São Paulo (<https://processosdecriacao.com.br>). É professora convidada no programa de Mestrado em Processos de Criação da Universidade do Algarve. Doutorada e Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-São Paulo, investiga os processos de criação em geral, com enfoque particular no cinema e nas práticas de guionismo no cinema contemporâneo. É também guionista, com experiência em argumentos de ficção, séries de animação, documentários, projetos de educação institucional e digital. Atua ainda como editora e revisora de livros de ficção e não ficção, revistas, coleções didáticas e coleções académicas.

**Patrícia Dourado** is a postdoctoral researcher at the CIAC – Research Centre for Arts and Communication, University of Algarve. She is the lead researcher of the *Creative Processes Collection* at CIAC (<https://processosdecriacao.ciac.pt>) and a member of the Research Group on Creative Processes at PUC-São Paulo (<https://processosdecriacao.com.br>). She is also a visiting professor in the Master's programme in Creative Processes at the University of Algarve. She holds a PhD and an MA in Communication

and Semiotics from PUC-São Paulo. Her research focuses on creative processes in general, with particular emphasis on cinema and screenwriting practices in contemporary film. In addition to her academic work, she is an experienced screenwriter, having written for fiction films, animated series, documentaries, institutional and digital education projects. She also works as an editor and reviewer of fiction and non-fiction books, journals, educational collections, and academic publications.

Artigo recebido em 2024-05-29

Artigo aceite em 2025-09-29

Artigo publicado em 2025-09-29

© 2026 Pedro Alves da Veiga, Isabel Cristina Gonçalves de Carvalho, Marc Garrett, Susana Costa, Ana Filipa Martins, Patrícia Dourado

Alves da Veiga, P., Gonçalves de Carvalho, I. C., Garrett, M., Costa, S., Martins, A. F., & Dourado, P. (2026). Digital Activism as Poetic and Political Insurgency in the Age of Datafication. *Rotura – Revista de Comunicação, Cultura e Artes*, 6(1). <https://doi.org/10.34623/2184-8661.2026.v6i1.574>

© ⓘ ⓘ ⓘ This work is licensed under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)